

**Transtornos Mentais Comuns, Estresse e Autoestima em universitários da área da saúde  
do último ano**

**Common Mental Disorders, Stress and Self esteem in university students in the health  
field in the last year**

**Trastornos mentales comunes, estrés y autoestima en estudiantes universitarios en el  
campo de la salud en el último año**

Recebido: 06/07/2020 | Revisado: 14/07/2020 | Aceito: 17/07/2020 | Publicado: 31/07/2020

**Vivian Aline Preto**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3293-2454>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: [viviusp@yahoo.com.br](mailto:viviusp@yahoo.com.br)

**Jéssica Moreira Fernandes**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8888-1962>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: [jessica-fernandes-@outlook.com](mailto:jessica-fernandes-@outlook.com)

**Luana Pereira da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3341-896X>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: [luanapereira.185.lp@gmail.com](mailto:luanapereira.185.lp@gmail.com)

**Jacksuelen Oliveira Leite dos Reis**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0598-1878>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: [jacksuelenleite@gmail.com](mailto:jacksuelenleite@gmail.com)

**Bárbara de Oliveira Prado Sousa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0111-9006>

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Brasil

E-mail: [barbaraprado89@hotmail.com](mailto:barbaraprado89@hotmail.com)

**Sandra de Souza Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1918-7771>

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

E-mail: [ssouzapereira@gmail.com](mailto:ssouzapereira@gmail.com)

**Giselle Clemente Sailer**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7824-0309>

Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Brasil

E-mail: [gisellesailer@outlook.com](mailto:gisellesailer@outlook.com)

**Lucilene Cardoso**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9010-4193>

Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Brasil

E-mail: [lucilene@eerp.usp.br](mailto:lucilene@eerp.usp.br)

## **Resumo**

Este estudo teve como objetivos identificar características sociodemográficas dos estudantes universitários do último ano da área da saúde, verificar se apresentam Transtornos Mentais Comuns (TMC) e averiguar a relação dos TMC com a percepção de estresse e autoestima nesta população. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e exploratório, envolvendo estudantes dos cursos de biomedicina, enfermagem, nutrição, educação física, farmácia, fisioterapia e psicologia, com amostra de 184 universitários. Foram utilizados o questionário Sociodemográfico, o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), a Escala de Estresse Percebido (Perceived Stress Scale PSS-14) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR) para coleta de dados. A análise foi realizada com o software a Statistical Package for the Social Sciences SPSS® versão 21, com a adoção do nível de significância de 5% ( $\alpha=0,05$ ) em toda análise. Como resultado os TMC estiveram presentes em 116 (63,0%) estudantes. Houve associação estatisticamente significativa entre o TMC e o estresse e entre o TMC e a autoestima ( $p<0,001$ ), o que expressa um resultado extremamente significativo. De fato, a expressiva prevalência de TMC, associada aos níveis de estresse e a autoestima identificados neste estudo, revelam a necessidade imediata da inserção de ações e projetos por parte da universidade, que visem o bem-estar da população universitária e a promoção da saúde mental, tendo em vista o cenário propenso ao adoecimento e a vulnerabilidade dos estudantes.

**Palavras-chave:** Transtornos mentais comuns; Estudantes da área da saúde; Estresse psicológico; Autoestima.

## **Abstract**

This study aimed to identify sociodemographic characteristics of university students in the last year in the health field, to verify whether they have Common Mental Disorders (CMD) and to investigate the relationship between CMD and the perception of stress and self esteem in this

population. This is a quantitative, descriptive and exploratory study, involving students from biomedicine, nursing, nutrition, physical education, pharmacy, physiotherapy and psychology courses, with a sample of 184 university students. The Sociodemographic questionnaire, the Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), the Perceived Stress Scale PSS-14 and the Rosenberg Self Esteem Scale (EAR) were used for data collection. The analysis was performed using the software Statistical Package for the Social Sciences SPSS® version 21, with the adoption of a significance level of 5% ( $\alpha = 0.05$ ) in all analysis. As a result, CMD were present in 116 (63.0%) students. There was a statistically significant association between CMD and stress and between CMD and self esteem ( $p < 0.001$ ), which expresses an extremely significant result. In fact, the expressive prevalence of CMD, associated with the levels of stress and self esteem identified in this study, reveal the immediate need for the insertion of actions and projects by the university, aimed at the well-being of the university population and health promotion mental, considering the scenario prone to illness and the vulnerability of students.

**Keywords:** Common mental disorders; Health students; Psychological stress; Self esteem.

### Resumen

Este estudio tuvo como objetivo identificar las características sociodemográficas de los estudiantes universitarios en el último año en el campo de la salud, verificar si tienen trastornos mentales comunes (TMC) e investigar la relación entre TMC y la percepción de estrés y autoestima en esta población. Este es un estudio cuantitativo, descriptivo y exploratorio, que involucra a estudiantes de biomedicina, enfermería, nutrición, educación física, farmacia, fisioterapia y psicología, con una muestra de 184 estudiantes universitarios. El cuestionario sociodemográfico, el cuestionario de autoinforme (SRQ-20), la escala de estrés percibido PSS-14 y la escala de autoestima de Rosenberg (EAR) se utilizaron para la recopilación de datos. El análisis se realizó con el paquete estadístico de software para Social Sciences SPSS® versión 21, con la adopción de un nivel de significancia del 5% ( $\alpha = 0,05$ ) en todos los análisis. Como resultado, TMC estuvo presente en 116 (63,0%) estudiantes. Hubo una asociación estadísticamente significativa entre TMC y estrés y entre TMC y autoestima ( $p < 0,001$ ), que expresa un resultado extremadamente significativo. De hecho, la prevalencia significativa de TMC, asociada con los niveles de estrés y autoestima identificados en este estudio, revela la necesidad inmediata de la inserción de acciones y proyectos por parte de la universidad, dirigidos al bienestar de la población universitaria y la promoción de la salud mental, considerando el escenario propenso a la enfermedad y la vulnerabilidad de los estudiantes.

**Palabras clave:** Trastornos mentales comunes; Estudiantes de salud; Estrés psicológico; Autoestima.

## 1. Introdução

Atualmente, observa-se que a sociedade apresenta um aumento crescente de doenças relacionadas a questões emocionais (Lopes, 2020). Tal elevação é evidenciada por várias pesquisas organizacionais, como pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que registrou um aumento de 18% no número de casos de depressão entre 2005 e 2015 e apresentou o Brasil como o país detentor da maior taxa de transtorno de ansiedade do mundo (OMS, 2017), ou pelo levantamento da Previdência Social que constatou que mais de 2 mil brasileiros foram afastados do trabalho por doenças emocionais (aumento de 17% de 2012 para 2016) (Previdência, 2017).

Nessa senda, muitas vezes esse adoecimento se inicia com o aparecimento de sintomas dos Transtornos Mentais Comuns (TMC), também conhecido como transtornos psiquiátricos menores, caracterizado por insônia, esquecimento, diminuição de concentração, dificuldade na tomada de decisões, irritabilidade, fadiga, sensação de inutilidade e queixas somáticas (cefaleia, falta de apetite, tremores, má digestão, entre outros) que designam situações de sofrimento mental, os quais pela sua elevada prevalência são considerados como um dos maiores problemas de saúde pública mundial (Murcho, Pacheco, & Jesus, 2016).

Verifica-se que o portador de TMC não recebe diagnóstico psiquiátrico formal, entretanto, representa custos enormes em termos de sofrimento psíquico, além de gerar grande impacto nos relacionamentos e na qualidade de vida do portador, comprometendo o desempenho nas atividades de vida diária devido à incapacidade funcional, constituindo-se como causa importante de afastamento do trabalho e provocando aumento na demanda nos serviços de saúde, sendo assim o início do desenvolvimento de transtornos mais graves (Bellinati & Campos, 2020).

Neste sentido, a preocupação não é só com trabalhadores, mas também com estudantes universitários, visto que diversos estudos revelam a alta prevalência de TMC nessa população (Oliveira et al., 2020; Bellinati & Campos, 2020), além de um aumento significativo na gravidade e no número de problemas mentais e problemas psicoafetivos nessa categoria de estudantes (Costa et al., 2014).

Essa preocupação iniciou-se nos Estados Unidos durante o século XX a partir do reconhecimento de que os estudantes universitários encontram-se em uma fase psicológica vulnerável (Carlesso, 2020) e constantemente enfrentam múltiplos estressores, como

sobrecarga acadêmica, conflitos com alguns professores, expectativas elevadas, carência de estratégias de enfrentamento, de habilidades de estudo e motivação adequadas, dificuldade na administração do tempo, pressão psicológica para alcançar o sucesso, concorrência com os outros e preocupações com o futuro (AlFaris et al., 2016).

Vale ainda destacar, que além dessas questões, para alguns, há o afastamento dos familiares, troca de moradia, estressores relacionados à própria família, rede de apoio deficiente, falta de tempo para lazer, restrições financeiras, entre outras situações que podem impactar em sua saúde mental e resultar em sofrimento psíquico ou até mesmo em adoecimento mental (Facioli et al., 2020).

Sancionando este fato, em estudo realizado em uma universidade pública no Nordeste do Brasil com 172 estudantes, sugeriu-se que medidas preventivas imediatas fossem implementadas devido ao índice (33,7%) de estudantes com TMC, sendo a criação serviços de apoio psicopedagógico para os estudantes universitários e programas de desenvolvimento da docência (Costa et al., 2014).

Já em outra pesquisa conduzida com 82 estudantes da área da saúde de uma universidade pública situada na capital do Rio de Janeiro, observa-se que 55,3% apresentou classificação positiva para TMC e que tal taxa explicita risco elevado para o desenvolvimento de transtornos mentais severos, com repercussões negativas para a formação, o exercício da profissão e a qualidade de vida do acadêmico (Oliveira et al., 2020).

Além dos TMC, também se pode inferir que o estresse no ambiente universitário se tornou outra preocupação, visto que o indivíduo exposto a uma situação longa de estresse pode apresentar diversas consequências físicas e mentais (Preto et al., 2019), com malefícios que vão desde a diminuição da concentração, inibição do aprendizado, redução da memória, desmotivação, irritabilidade, quadros de infecção devido ao comprometimento do sistema imunológico, distúrbios gastrointestinais, distúrbios alimentares, depressão, sintomas ansiosos, depressivos, até o aumento da pressão arterial e maior suscetibilidade ao Acidente Vascular Cerebral (AVC), entre outros prejuízos. Há também a diminuição dos níveis de endorfina e serotonina responsáveis pela elevação da autoestima do ser humano (Jirdehi et al., 2018).

Verifica-se que durante uma situação estressora, o organismo reconhece o estressor e ativa o sistema neuroendócrino, onde as glândulas adrenais ou suprarrenais passam a produzir e liberar os hormônios do estresse (adrenalina, noradrenalina e cortisol), que aceleram os batimentos cardíacos, dilatam as pupilas, aumentam a sudorese e os níveis de açúcar no sangue, reduzem a digestão, contraem o baço (que expulsa mais hemácias ou glóbulos vermelhos para a circulação sanguínea, o que amplia o fornecimento de oxigênio aos tecidos) e causa

imunossupressão (ou seja, redução das defesas do organismo) (Rocha et al., 2018; Fonseca, Gonçalves, & Araujo, 2015).

Neurofisiologicamente, o hipotálamo secreta algumas substâncias, que estimulam a hipófise a liberar o hormônio adrenocorticotrófico (ACTH), que atinge a corrente sanguínea e estimula as glândulas suprarrenais para a secreção de cortisol, quebrando a homeostase (equilíbrio) do organismo (Mcewen, 2014). Desta forma, interações cérebro-corpo são fortemente influenciadas pelo contexto social e físico no qual o indivíduo está inserido, ou seja, o ambiente que estamos inseridos e o estresse que vivenciamos podem nos deixar vulneráveis ao adoecimento, inclusive aos relacionados ao TMC (Mcewen, 2013).

Já em relação à autoestima dos universitários, averigua-se que a baixa autoestima por sua vez, pode ocasionar comportamento autodestrutivo, menor autoeficácia e até mesmo o abandono do curso (Montes-Hidalgo & Tomás-Sábado, 2016).

Insta, ainda, observar que autores apontam que a autoestima é um fator importante na prevenção de adoecimentos em estudantes, visto que ela age como um protetor ao lidar com o estresse, já que indivíduos com maior autoestima têm um maior senso de valor pessoal, que age como um bloqueio contra o impacto negativo do estresse (Preto et al., 2019).

Nesse contexto, este estudo visa investigar tais informações em estudantes universitários do último ano da área da saúde, haja vista que nessa reta final é muito comum aparecerem aflições e temores em relação às técnicas, à abordagem do paciente/usuário e à resolutividade de suas necessidades; sensação de insegurança e despreparo diante das demandas cotidianas inerentes ao exercício profissional, associados ainda à necessidade de fazer com que os pacientes sintam-se seguros mediante os seus cuidados (Dias et al., 2014).

Diante do exposto, justifica-se a necessidade de estudos que procurem identificar os riscos de adoecimento por transtornos mentais comuns em estudantes universitários da área da saúde e sua relação com o estresse e a autoestima.

É de suma importância que todas as instituições de ensino superior se atentem a estes dados e assim encontre ferramentas de auxílio para os seus estudantes que enfrentam esses transtornos, principalmente considerando os estudantes universitários do último ano que estão prestes a entrar no mercado de trabalho, muitas vezes já vulneráveis ao adoecimento mental, o que pode resultar em prejuízos para clientes que dependem de sua assistência, danos às instituições empregadoras e agravos físicos e psicológicos a eles mesmos.

Assim, o objetivo deste estudo foi identificar características sociodemográficas dos estudantes universitários do último ano da área da saúde, verificar se apresentam Transtornos Mentais Comuns e averiguar a relação dos TMC com a percepção de estresse e autoestima nesta

população.

## 2. Metodologia

Este estudo classifica-se como quantitativo descritivo e exploratório (Pereira et al., 2018) e objetivou elucidar a associação entre os transtornos mentais comuns com os dados sociodemográficos, autoestima e a percepção de estresse nos estudantes universitários da área da saúde do último ano, adotando como cenário uma instituição de ensino superior particular localizada no noroeste do estado de São Paulo (SP), Brasil.

Para este estudo, a amostra possível considerando todos os matriculados era de 253 estudantes, porém considerando os que aceitaram participar e que estavam presentes no momento da coleta, a amostra final foi de 184 estudantes universitários do turno noturno, maiores de 18 anos, matriculados no último ano dos cursos de biomedicina, enfermagem, nutrição, educação física, farmácia, fisioterapia e psicologia.

A coleta de dados foi realizada por três pesquisadoras devidamente treinadas para tal de forma coletiva com a sala, no próprio ambiente de aula, com início após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da instituição, sob o parecer nº 3.175.797 (CAAE: 01078818.9.0000.5379) atendendo aos preceitos éticos da Resolução nº 466/12, assim como a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Apenas se submeteram ao questionário, aqueles que, após receberem esclarecimentos quanto ao objetivo, procedimentos da pesquisa, seus direitos de voluntariedade, sigilo quanto as informações coletadas e assinatura do TCLE, declararam ter ciência dos mesmos e de suas garantias ao aceitarem participar da pesquisa.

Destaca-se que todos os estudantes universitários presentes em sala de aula no momento da coleta foram convidados a participar, e instruídos a receber o envelope com o termo de consentimento e os instrumentos de coleta de dados. Caso não desejassem participar, eles deveriam apenas devolvê-los em branco, evitando-se assim, a identificação dos não respondentes/participantes em sala de aula no momento em que a coleta foi realizada.

Como instrumentos, utilizou-se o questionário Sociodemográfico, o Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20), a Escala de Estresse Percebido (Perceived Stress Scale PSS-14) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR).

O questionário Sociodemográfico consiste em um interrogatório elaborado para averiguar as condições ocupacionais e de saúde de cada indivíduo, registrando os dados sociodemográficos e caracterizando assim a população em estudo. Constituiu-se de questões



que contemplaram as seguintes variáveis: Idade; Sexo; Escolaridade; Estado civil; Religião; Trabalho e Atividades cotidianas.

O Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) desenvolvido por Harding et al. (1980) e validado no Brasil por Mari e Willians (1986), trata-se de um instrumento multidimensional, recomendado pela Organização Mundial da Saúde, com vinte perguntas respondidas de forma dicotômica (0=Não, 1=Sim), das quais quatro perguntas se referem a queixas somáticas e dezesseis a sintomas psíquicos.

No tocante a Escala de Estresse Percebido (PSS-14) trata-se de uma escala que mensura o estresse percebido, ou seja, o quanto os indivíduos percebem as situações como estressantes, que pode ser usada em diversos grupos etários, independentemente do contexto em que é aplicada, sendo utilizada e validada em várias culturas (Gonçalves, 2019; Luft et al., 2007).

No presente estudo, utilizou-se a escala validada para a língua portuguesa por Luft com catorze itens, cuja alfa de Cronbach para consistência interna foi de 0,82, com opções de resposta que variam de zero a quatro (0=nunca; 1=quase nunca; 2=às vezes; 3=quase sempre; 4=sempre), calculando-se o escore total pela soma das pontuações destas catorze questões, que pode variar de zero a cinquenta e seis (Luft et al., 2007).

Quanto maior o escore na escala, maior o nível de percepção de estresse. Valores acima do percentil 75 devem ser considerados indicativos de alto nível de estresse (Luft et al., 2007; Dias et al., 2015).

Apesar de o instrumento não oferecer classificação da percepção do estresse ou pontos de corte, este estudo utilizou a classificação baixo, médio e alto nível de percepção de estresse de acordo com os percentis obtidos na aplicação do instrumento. Assim, o percentil abaixo de 25 foi considerado como baixo nível de percepção. Percentis entre 25 e 75 foram considerados médio nível de percepção e o percentil acima de 75, alto nível de percepção de estresse.

No que se refere a autoestima, a Escala de Autoestima de Rosenberg - EAR (Rosenberg Self-Esteem Scale – RSES) utilizada neste estudo e em tantos outros é considerada padrão ouro e trata-se de um instrumento desenvolvido para a avaliação da autoestima global, adaptada para o português com coeficiente alfa de Cronbach de 0,90 e com bons índices psicométricos (Glaeser, Costa, & Collares, 2018; Hutz & Zanon, 2011).

A análise dos dados foi realizada com o software a Statistical Package for the Social Sciences SPSS® versão 21 para Windows, com a adoção do nível de significância de 5% (alfa=0,05) em toda análise. Para investigação da associação entre a variável desfecho Transtorno Mental Comum e as variáveis independentes, foi utilizado o teste Qui-quadrado de Pearson por análise bivariada e contagem de frequências ou o teste exato de Fisher quando



violadas as suposições matemáticas para o teste Qui-quadrado. Foram consideradas variáveis significantes cuja associação identificada teve nível de significância (p) inferior a 0,05.

### 3. Resultados

A amostra foi composta por 184 estudantes universitários da área da saúde do último ano, sendo predominantemente do sexo feminino 140 (76,1%) e com média de idade de 23,4 anos (mínimo de 19 e máximo de 50 anos). As características sociodemográficas destes estudantes estão descritas na Tabela 1 a seguir.

**Tabela 1.** Variáveis sociodemográficas entre estudantes da área da saúde (N=184). Noroeste do estado de São Paulo, Brasil (2019).

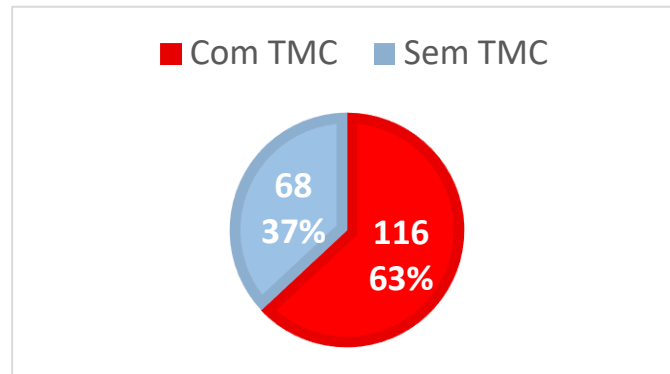
VARIÁVEIS	CARACTERÍSTICAS	N(%)	TOTAL N(%)
<b>Sexo</b>	Masculino	44(23,9)	184(100)
	Feminino	140(76,1)	
<b>Procedência</b>	Araçatuba	65(35,3)	
	Outras localidades	119(64,7)	
<b>Situação Conjugal</b>	Solteiro	160(87,0)	
	Casado/com companheiro	22(12,0)	
	Separado	2(1,0)	
<b>Religião</b>	Com religião	154(83,7)	
	Sem religião	30(16,3)	
<b>Trabalha</b>	Sim	116(63,0)	
	Não	68(37,0)	
<b>Filhos</b>	Sim	14(7,6)	
	Não	170(92,4)	
<b>Atividade Física</b>	Sim	76(41,3)	
	Não	108(58,7)	
<b>Bebida Alcoólica</b>	Sim	106(57,6)	
	Não	78(42,4)	
<b>Fuma</b>	Sim	9(4,9)	
	Não	175(95,1)	

Fonte: Autores.

Como se depreende na Tabela 1, a maior parte dos universitários eram solteiros 160 (87,0%), possuíam uma religião 154 (83,7%), trabalhavam 116 (63,0%) e em sua maioria, consumiam bebida alcoólica 106 (57,6). Além disso, a maioria não possuía filhos 170 (92,4%), não fumavam 175 (95,1%) e não praticavam atividade física 108 (58,7%).

Averigua-se que 116 universitários do último ano da área da saúde apresentaram Transtorno Mental Comum, conforme demonstrado no Gráfico 1.

**Gráfico 1.** Prevalência de Transtornos Mentais Comuns em estudantes da área da saúde do último ano (N=184). Noroeste do estado de São Paulo, Brasil (2019).



Fonte: Autores.

Destaca-se que do total de 184 estudantes do último ano da área da saúde, 63% apresentaram Transtorno Mental Comum e apenas 37% (68 universitários) não apresentaram.

No que concerne ao nível de percepção de estresse e sua relação com o TMC, apenas 8 (6,9%) estudantes com TMC apresentaram baixa percepção, enquanto 64 (55,2%) apresentaram média percepção e 44 (37,9%) estudantes com TMC apresentaram alta percepção de estresse. Assim, a maioria dos universitários deste estudo com Transtornos Mentais Comuns, 64 (55,2%), apresentou uma percepção média de estresse, conforme Tabela 2.

**Tabela 2.** Percepção das variáveis respostas (SRQ, PSS-14 e EAR) entre estudantes da área da saúde (N=184). Noroeste do estado de São Paulo, Brasil (2019).

		SRQ				Qui- quadrado <i>p</i> -valor
		Sem TMC (n=68)		Com TMC (n=116)		
		n	%	n	%	
<b>Autoestima</b>	Baixa autoestima	0	(0,0)	7	(6,0)	
	Média autoestima	22	(32,4)	78	(67,3)	
	Elevada autoestima	46	(67,6)	31	(26,7)	
<b>Percepção de estresse</b>	Baixa	35	(51,5)	8	(6,9)	
	Média	31	(45,6)	64	(55,2)	
	Alta	2	(2,9)	44	(37,9)	

Fonte: Autores.

Na Tabela 2, ainda é possível observar dados do TMC em relação a autoestima. Destaca-se que todos os estudantes que possuíam baixa autoestima apresentaram TMC, 7 (6%), e a maioria dos universitários com TMC apresentaram-se com média autoestima 78 (67,3%). Dessa forma, podemos inferir que estudantes com baixa autoestima estão mais propensos ao desenvolvimento dos Transtornos Mentais Comuns.

Mister se faz ressaltar que houve evidência estatística de associação entre o TMC e o estresse e entre o TMC e a autoestima, onde o valor de  $p$  foi menor que 0,001, o que expressa um resultado extremamente significativo, ou seja, indica alta relação entre as variáveis analisadas.

#### **4. Discussão**

Este estudo permitiu identificar a prevalência de Transtornos Mentais Comuns nos estudantes universitários da área da saúde do último ano (63%) de uma universidade particular do noroeste paulista, que se mostrou extremamente alta quando comparada as taxas encontradas em outros estudos na população universitária brasileira (Oliveira et al., 2020; Bellinati & Campos, 2020; Grether et al., 2019).

Características da vida universitária e do processo de ensino tornaram-se fontes geradoras de conflitos, afetando negativamente a saúde mental e o desempenho acadêmico dos estudantes. Assim, quando comparamos a prevalência de Transtornos Mentais Comuns dos estudantes universitários com a da população em geral, usando-se o mesmo instrumento de rastreamento (SRQ-20), a população universitária ganha grande destaque, visto que as taxas na população variam de 17% a 35% (Santos et al., 2019; Alcantara & Assunção, 2016; Paz de Lima, 2015), enquanto nos estudantes, alguns estudos chegam a apresentar taxas maiores que 50% (Oliveira et al., 2020; Bellinati & Campos, 2020; Grether et al., 2019).

A literatura revela que cerca de 15 a 25% dos universitários irão apresentar algum transtorno mental durante sua formação (Vasconcelos et al., 2015) pelo fato de pertencerem a um grupo vulnerável a situações estressantes que aumentam progressivamente, uma vez que a cada etapa do curso surgem novas exigências que requerem o desenvolvimento de habilidades e competências por parte dos estudantes (Cestari et al., 2017).

Indubitável é que o último ano da vida universitária é carregado de estresse resultante das atividades práticas (influenciado pelo desgaste relacionado ao final do ciclo), dificuldade na administração do tempo, frente ao crescente volume de informações e entre uma excessiva carga de estudos e pouco tempo para atividades de lazer, além das ansiedades e expectativas

relacionadas ao futuro, principalmente nos cursos da área da saúde, que por si só experimentam altos níveis de estresse (Carleto et al., 2018).

Verifica-se ainda um enorme desgaste decorrente do contato com pessoas doentes que podem apresentar doenças graves, e por vezes, de difícil conduta, onde o estudante muitas vezes se encontra despreparado para atuar de forma plena no atendimento integral dos pacientes e de seus familiares que esperam que ele saiba de tudo e resolva tudo com agilidade (Fabichak, Silva-Junior, & Morrone, 2014). Este fato é descrito em pesquisa realizada com estudantes do curso de medicina de diversos anos, onde a prevalência de TMC aumentou ao longo do curso de 12,5% no primeiro ano, para 43,2% no quinto (Costa, Mendes, & Andrade, 2017).

No entanto, quanto ao período do curso, na literatura ainda não há um consenso quanto aos resultados, sendo que, alguns estudos apontam que os estudantes em períodos iniciais (primeiro ano ou semestre) são os que adoecem com maior frequência e apresentam taxas maiores de TMC (Carleto et al., 2018), enquanto outros, indicam maior incidência no período final do curso (Costa, Mendes, & Andrade, 2017).

Todavia, é cediço que o último ano da graduação é um período marcado pelo início do processo de desligamento do papel de estudante e inserção no mercado de trabalho, principalmente nos cursos que propiciam em sua grade curricular, a inserção do estudante em estágios mais rigorosos no último ano, onde o atendimento direto ao paciente pode fazer com que o universitário repense sua escolha profissional e se sinta angustiado pela falta de tempo (principalmente entre os que ainda precisam trabalhar), pelo fato de ser supervisionado e avaliado em campo prático (ao qual ele não possui experiência, na maioria das vezes), além de lidar de forma mais próxima com o sofrimento humano e a morte, que corroem a autoestima do estudante, ainda em formação (Fabichak, Silva-Junior, & Morrone, 2014).

No que tange a autoestima, não se encontra na literatura nacional ou internacional outros estudos que tivessem como objetivo a investigação da relação entre TMC e autoestima em estudantes universitários, o que torna a associação estatisticamente significativa de TMC e autoestima em universitários da área da saúde do último ano encontrada neste estudo, uma observação única até o presente momento.

Entretanto, destaca-se que a associação entre TMC e autoestima foi observada no Brasil em 1.267 gestantes atendidas pelo serviço público na cidade de pelotas, Rio Grande do Sul, onde verificou-se uma alta prevalência de TMC e sua significativa associação com menor autoestima na amostra estudada (Silva et al., 2010).

Alguns autores apontam que indivíduos que possuem alta autoestima se sentem mais capazes, e o excesso de confiança por sua vez, pode contribuir para que eles assumam mais

responsabilidades, além de estipularem a si mesmos metas mais difíceis de serem alcançadas (Verni & Tardeli, 2015). Acredita-se que essas características influenciam o indivíduo a encarregar-se de diversas tarefas diariamente, na tentativa de alcançar seus objetivos, o que talvez possa contribuir para o desenvolvimento dos TMC, já que neste estudo a maioria dos indivíduos com média e alta autoestima (59,2%) possuem TMC.

No que tange a percepção de estresse, não foram encontrados estudos que investigassem a relação de TMC e a percepção de estresse em universitários, tornando a associação estatisticamente significativa observada neste estudo, única até o presente momento.

Os universitários do último ano da área da saúde deste estudo, em sua maioria (51,6%), foram diagnosticados com uma percepção média de estresse. Estes dados são próximos ao observados em outros estudos com a população universitária, onde a maioria dos estudantes apresentou percepção média de estresse (Moreira & Furegato, 2013), e a minoria demonstrou alta percepção (Flauzino et al., 2017).

Mister se faz ressaltar que os universitários do estudo com TMC apresentaram uma considerável capacidade de percepção de estresse, visto que a maioria revelou média ou alta percepção de estresse (93,1%) e realizando uma breve comparação entre os universitários com TMC e sem TMC, é possível verificar que a grande maioria dos estudantes que apresentaram média e alta percepção de estresse, eram portadores dos TMC (58,6%). Assim, pode-se inferir que o estresse na vida desses universitários possa favorecer as manifestações de TMC.

A literatura evidencia que estudantes com maiores prevalência de TMC classificaram como fontes de tensão a carga horária extensa, competitividade, cobrança pessoal, pressão social, familiar, de professores e profissionais da área, durante a graduação. A intensa demanda e competição durante o processo de educação colaboram para produzir estresse nos estudantes (Grether et al., 2019).

Vale rememorar que os universitários da área da saúde apresentam manifestações psicológicas e fisiológicas de estresse em maior proporção que os de outras áreas devido ao aumento dos sintomas de estresse, principalmente psicológicos, desde o início da graduação em várias amostras de estudantes da área da saúde (Mota et al., 2016).

Nesse contexto, esses dados podem estar relacionados à formação dos cursos da área da saúde (biomedicina, enfermagem, nutrição, educação física, farmácia, fisioterapia e psicologia), visto que algumas situações fazem parte da formação profissional e muitas vezes são consideradas estressoras. Entre elas, destacam-se os contextos da prática, as lacunas entre o que aprendem na teoria e a realidade do serviço, a submissão a processos de avaliação, cumprimento de uma carga semanal extensa e distribuída em turnos, entre outros (Romani et

al., 2017; AlFaris et al., 2016).

Dessa forma, concorda-se que o ambiente universitário é um forte preditor de estresse por características próprias relacionadas tanto ao currículo, durante a graduação, quanto as deficiências do sistema de saúde no Brasil que prejudicam o paciente, observadas pelos universitários desde os estágios, onde muitas vezes faltam insumos, medicamentos, vagas para certos exames e cirurgias, ou mesmo mão de obra, pois é nítido a sobrecarga dos profissionais que compõem as equipes de saúde, bem como, a lentidão de serviços que poderiam ser realizados com mais agilidade se a equipe contasse com um número maior de integrantes.

Destaca-se assim a importância de estudos que investiguem a prevalência de transtornos mentais comuns, estresse e autoestima nessa população.

## **5. Considerações Finais**

Averigua-se que todos os objetivos propostos neste estudo foram alcançados, de forma a fornecer informações suficientes para o pensar na saúde mental de universitários e as possíveis variáveis acadêmicas que possuem relação com o sofrimento psicológico e o adoecimento dos estudantes, bem como o pensar na construção de estratégias de intervenção que os auxiliem nesse contexto.

Neste íterim, o presente estudo constatou uma expressiva prevalência de TMC entre os estudantes universitários da área da saúde do último ano, havendo associação estatisticamente significativa com a manifestação desse agravo em estudantes com baixa autoestima e com média e alta percepção de estresse, além de uma relação entre a média e alta autoestima e a presença dos TMC.

Sublinhe-se que os TMC, de fato, causam impacto na saúde mental do universitário, sendo necessária a exploração de outras variáveis preditoras de transtornos durante a graduação, de modo a conhecer melhor a realidade vivenciada pelos estudantes, visto que além do próprio adoecimento, podem sofrer as suas consequências que geralmente implicam em novas demandas de saúde como, por exemplo, o aumento de comportamentos sexuais considerados de risco e de consumo e abuso de álcool e outras drogas.

Nesse sentido, fazem-se importantes tanto esforços individuais como coletivos, ou seja, tanto do estudante, organizando-se e gerindo melhor seu tempo, como da própria universidade, revisando seus currículos, atividades, bem como o seu papel no desenvolvimento de estratégias que promovam o bem-estar a partir de políticas e serviços institucionais que protejam a saúde física e mental desses estudantes. Ações que envolvam atividades físicas e lazer, além da

identificação de fragilidades existentes nos cursos, podem acarretar melhor aproveitamento e desenvolvimento pessoal e profissional do estudante.

Assim, reforça-se a necessidade da promoção de ações institucionais que tenham por objetivo capacitar os universitários, logo no início do curso, principalmente os da área da saúde, para que possam gerenciar a vida acadêmica, empregando estratégias de estudo eficazes, organizando sua agenda e manejando o tempo de maneira equilibrada, de forma a conseguir estabelecer uma rotina saudável de estudos, cumprindo prazos e não negligenciando horas de sono e lazer, a fim de suprir possíveis demandas universitárias.

Destarte, os resultados apresentados devem ser analisados a partir de algumas limitações metodológicas, por se tratar de uma pesquisa transversal que avalia apenas associação entre as variáveis, sem definição ou estabelecimento donexo causal. A amostra, embora representativa dos estudantes do último ano pertencentes aos cursos da área da saúde, foi restrita a uma única instituição superior de ensino, o que pode ter contribuído para a alta prevalência de acadêmicos com TMC, situação que não permite estender os achados a toda a população universitária.

Entretanto, deve-se considerar que o conhecimento exposto é promissor no auxílio ao entendimento do desenvolvimento de transtornos mentais comuns na população universitária e no planejamento de intervenções e futuras investigações sobre a temática que abordem as lacunas identificadas neste estudo.

## Referências

AlFaris, E., Irfan, F., Qureshi, R., Naeem, N., Alshomrani, A., Ponnampereuma, G., Yousufi, N. A., Maflehi, N. A., Naami, M. A., Jamal, A., & Vleuten, C. V. D. (2016). Health professions' students have an alarming prevalence of depressive symptoms: exploration of the associated factors. *BMC Medical Education*, 16(1), 279. doi:10.1186/s12909-016-0794-y

Alcantara, M. A., & Assunção, A. A. (2016). Influência da organização do trabalho sobre a prevalência de transtornos mentais comuns dos agentes comunitários de saúde de Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 41(2), 1-11. doi: 10.1590/2317-6369000106014

Bellinati, Y. C. G., & Campos, G. A. L. (2020). Avaliação da prevalência de transtornos mentais comuns nos estudantes de medicina em uma faculdade do interior de São Paulo. *Revista*



Unilago, 1(1). Recuperado de <http://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-medicina/article/view/235>

Carlesso, J. P. P. (2020). Os desafios da vida acadêmica e o sofrimento psíquico dos estudantes universitários. *Research, Society and Development*, 9(2). doi: Recuperado de <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i2.2092>

Carleto, C. T., Moura, R. C. D., Santos, V. S., & Pedrosa, L. A. K. (2018). Adaptação à universidade e transtornos mentais comuns em graduandos de enfermagem. *Revista Eletrônica de Enfermagem* [Internet], 20(20). doi: <http://doi.org/10.5216/ree.v20.43888>

Cestari, V. R. F., Barbosa, I. V., Florêncio, R. S., Pessoa, V. L. M. P., & Moreira, T. M. M. (2017). Estresse em estudantes de enfermagem: estudo sobre vulnerabilidades sociodemográficas e acadêmicas. *Acta Paulista de Enfermagem*, 30(2), 190-196. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201700029>

Costa, E. F. O., Rocha, M. M. V., Santos, A. T. R. A., Melo, E. V. de, Martins, L. A. N., Andrade, T. M. (2014). Common mental disorders and associated factors among final-year healthcare students. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 60(6), 525-530. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.60.06.009>

Costa, E. F. O., Mendes, C. M. C., & Andrade, T. M. (2017). Common mental disorders in medical students: A repeated cross-sectional study over six years. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 63(9), 771-778. doi: <https://doi.org/10.1590/1806-9282.63.09.771>

Dias, E. P., Stutz, B. L., Resende, T. C., Batista, N. B., & Sene, S. S. (2014). Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. *Revista Psicopedagogia*, 31(94), 44-55. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-84862014000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862014000100006&lng=pt&nrm=iso)

Dias, J. C. R., Silva, W. R., Maroco, J., & Campos, J. A. D. B. (2015). Escala de Estresse Percebido Aplicada a Estudantes Universitárias: Estudo de Validação. *Psychology Community & Health*, 4(1), 1-13. doi: 10.5964/pch.v4i1.90

Fabichak, C., Silva-Junior, J. S., & Morrone, L. C. (2014). Síndrome de Burnout em médicos residentes e preditores organizacionais do trabalho. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, 2(12), 79-84. Recuperado de: <https://cdn.publis her.gn1 .link/rbmt.org.br/pdf/v12n2a05.pdf>

Facioli, A. M., Barros, A. B., Melo, M. C., Ogliari, I. C. M., & Custódio, R. J. M. (2020). Depression among nursing students and its association with academic life. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0173>

Fonseca, N. C., Gonçalves, J. C., & Araujo, G. S. (2015). Influência do estresse sobre o sistema imunológico. *Anais do Simpósio das Faculdades Promove de Brasília*. Recuperado de: [http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais\\_simposio/arquivos\\_up/documentos/artigos/844c84423cfc7e05d2720770d2ee271.pdf](http://nippromove.hospedagemdesites.ws/anais_simposio/arquivos_up/documentos/artigos/844c84423cfc7e05d2720770d2ee271.pdf)

Glaeser, A., Costa, S. S., & Collares, M. V. M. (2018). Fissura labiopalatina: avaliação do impacto psicológico utilizando a Escala de Autoestima de Rosenberg. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, 33(2), 187-195. doi: <http://www.dx.doi.org/10.5935/2177-1235.2018RBCP0094>

Flauzino, M. M., Garcia, V. P. T., Gonçalves, L. A., Correia, C., Parmigiani, R. S., Pereira, S. S., Sailer, G. C., & Preto, V. A. (2017). Percepção de estresse nos acadêmicos de enfermagem de uma instituição particular de ensino. *Archives of Health Investigation*, 71. doi: <http://dx.doi.org/10.21270/archi.v6i0.2286>

Gonçalves, R. D. C. (2019). Estado nutricional e do comportamento alimentar dos estudantes dos cursos da saúde do centro de educação e saúde UFCG - Cuité/PB. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Nutrição. Paraíba. Recuperado de: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/12384>

Grether, E. O., Becker, M. C., Menezes, H. M., & Nunes, C. R. O. (2019). Prevalência de Transtornos Mentais Comuns entre Estudantes de Medicina da Universidade Regional de Blumenau (SC). *Revista Brasileira de Educação Médica*, 43(1), 276-285. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20180260>

Harding, T. W., Arango, M. V., Baltazar, J., Climent, C. E., Ibrahim, H. H., Ladrado-Ignacio, L., Murthy, R. S., & Wig, N. N. (1980). Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychology Medical*, 10(2), 231-241. doi: 10.1017/s0033291700043993

Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg: Revision of the adaptation, validation, and normatization of the Roserberg self-esteem scale. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. Recuperado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167704712011000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712011000100005&lng=pt&tlng=pt).

Jirdehi M. M., Asgari, F., Tabari, R., & Leyli, E. K. (2018). Study the relationship between medical sciences students' self-esteem and academic achievement of Guilan university of medical sciences. *Journal of Education and Health Promotion* [Internet], 7(52). doi: 10.4103/jehp.jehp\_136\_17

Lopes, C. S. (2020). Como está a saúde mental dos brasileiros? A importância das coortes de nascimento para melhor compreensão do problema. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(2). doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00005020>

Luft, C. B. D., et al. (2007). Versão Brasileira da Escala de Estresse Percebido: Tradução e validação para idosos. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 606–615.

Luft, C. D. B., Sanches, S. O., Mazo, G. Z., & Andrade, A. (2007). Versão brasileira da Escala de Estresse Percebido: tradução e validação para idosos. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 606-615. doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102007000400015>

Mari, J. J., & Williams, P. (1986). A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of Sao Paulo. *The British journal of psychiatry*, 148, 23-26. doi: <https://doi.org/10.1192/bjp.148.1.23>

Mcewen, B. (2013). The Brain on Stress: Toward an Integrative Approach to Brain, Body and Behavior. *Perspectives on psychological science*, 8(6), 673–675. doi: 10.1177/1745691613506907

Mcewen, B. S. (2014). The Brain on Stress: the good and the bad. In: Popoli, M., Diamond, D., & Sanacora, G. (Eds). *Synaptic Stress and Pathogenesis of Neuropsychiatric Disorders*. New York: Springer.

Montes-Hidalgo, J., & Tomás-Sábado, J. (2016). Self-esteem, resilience, locus of control and suicide risk in nursing students. *Enfermería Clínica* [Internet], 26(3), 188-193. doi: <https://dx.doi.org/10.1016/j.enfcli.2016.03.002>

Moreira, D. P., & Furegato, A. R. F. (2013). Estresse e depressão entre alunos do último período de dois cursos de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 21(spe), 155-162. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692013000700020>

Mota, N. I. F., Alves, E. R. P., Leite, G. O., Sousa, B. S. M. A., Ferreira-Filha, M. O., & Dias, M. D. (2016). Stress among nursing students at a public university. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas*, 12(3), 163-170. doi:10.11606/issn.1806-6976.v12i3p163-170

Murcho, N., Pacheco, E., & Jesus, S. N. de. (2016). Transtornos mentais comuns nos Cuidados de Saúde Primários: Um estudo de revisão. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (15), 30-36. doi: <https://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0129>

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2017). OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas - *Relatório Global de 2017*. Recuperado de: <http://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>

Oliveira, E. B., Zeitoune, R. C. G., Gallasch, C. H., Júnior, E. F. P., Silva, A. V., & Souza, T. C. (2020). Common mental disorders in nursing students of the professionalizing cycle. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 73(1). doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0154>

Paz de Lima, P. (2015). Avaliação de transtornos mentais comuns em comunidades rurais em Atibaia/SP - Brasil. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, 7(15), 101-121. Recuperado de: <http://stat.entrever.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1668/4440>

Pereira A. S., Shitsuka, D. M., Parreira, F. J., & Shitsuka, R. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [e-book]. (Ed.1). Santa Maria, RS: UAB/NTE/UFSM. Recuperado de: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic\\_Computacao\\_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1)

Preto, V. A., Garcia, V. P., Araújo, L. G., Flauzino, M. M., Teixeira, C. C., Parmegiane, R. S., & Cardoso, L. (2018). Perception of stress in nursing academics. *Journal of Nursing UFPE on line*, 12(3), 708-715. doi: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i3a231389p708-715-2018>

Preto, V. A., Souza, A. L. T., Sousa, B. O. P., Fernandes, J. M., Pereira, S. S., & Cardoso, L. (2020). Predictors of recent stress in nursing undergraduates. *Research, Society and Development*, 9(3). doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i3.2371>

Preto, V. A., Souza, A. L. T., Sousa, B. O. P., Fernandes, J. M., Pereira, S. S., & Cardoso, L. (2020). Association between personal and environmental factors with recent stress in nursing students. *Research, Society and Development*, 9(6). doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.2572>

Previdência. (2017). 1º Boletim Quadrimestral sobre Benefícios por Incapacidade de 2017. Adoecimento Mental e Trabalho: a concessão de benefícios por incapacidade relacionados a transtornos mentais e comportamentais a empregados entre 2012 e 2016. Acesso em 20 de junho, em <http://sa.previdencia.gov.br/site/2017/04/1%C2%BA-boletim-quadrimestral.pdf>

Rocha, T. P. O., Silva, C. O., Matos, M. S., Correa, F. B., & Burla, R. S. (2018). Anatomofisiologia do estresse e o processo de adoecimento. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 13(2), 31-37. doi: <https://doi.org/10.29184/1980-7813.rcfmc.198.vol.13.n2.2018>

Romani, J., Mourão, L., Almeida, A., Santos, R., Brazolino, L., & Leite, I. (2017). A Prática Pedagógica do Enfermeiro na Emergência: Possibilidades e Desafios na Formação dos Futuros Profissionais. *Atas - Investigação Qualitativa em Saúde*, 2. Recuperado de: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1458/1415>

Santos, G. B. V., Alves, M. C. G. P., Goldbaum, M., Cesar, C. L. G., & Gianini, R. J. (2019). Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em moradores da área urbana de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(11). doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00236318>

Silva, R. A., Ores, L. C., Mondin, T. C., Rizzo, R. N., Moraes, I. G. S., Jansen, K., & Pinheiro, R. T. (2010). Transtornos mentais comuns e auto-estima na gestação: prevalência e fatores associados. *Cadernos de Saúde Pública*, 26(9), 1832-1838. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000900016>

Vasconcelos, T. C., Dias, B. R. T., Andrade, L. R., Melo, G. F., Barbosa, L., & Souza, E. (2015). Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 39(1), 135-142. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v39n1e00042014>

Verni, P. J., & Tardeli, D. D. (2015). Autoestima e projeto de vida na adolescência. In: 41st. Association for Moral Education Conference, 2015, Santos. Association for Moral Education Conference [Internet].

#### **Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Vivian Aline Preto – 20%  
Jéssica Moreira Fernandes – 20%  
Luana Pereira da Silva – 10%  
Jacksuelen Oliveira Leite dos Reis – 10%  
Bárbara de Oliveira Prado Sousa – 10%  
Sandra de Souza Pereira – 10%  
Giselle Clemente Sailer – 10%  
Lucilene Cardoso – 10%